

Prós e contras dos candidatos ao consenso

MARCEU VIEIRA

Cinco nomes estão na berlinda da esquerda, cotados para assumir o papel de candidato anti-Fernando Henrique na eleição de 1998. No PT, mais uma vez, ganha força a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, que já teria até o apoio do PDT de Brizola. Além disso, há o ex-ministro Ciro Gomes, cotado para representar as esquerdas pelo PSB. O mesmo PSB abrigaria o ministro do Supremo Tribunal Federal Sepúlveda Pertence, embora também se fale no governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque. E há quem lembre o ex-presidente Itamar Franco. A seguir, os prós e os contras de cada um.

LULA – A seu favor, Lula tem a experiência de duas campanhas presidenciais e um eleitorado fiel. E tem

ainda o apoio certo de Brizola, que não tem a força eleitoral de anos atrás, mas aceita ser o vice. Pesariam contra Lula, entretanto, as derrotas de 89, para Fernando Collor, e de 94, para Fernando Henrique. Lula nunca administrou nada. Teve um único mandato parlamentar, na Constituinte de 1988. E também já não une a oposição como antes. A resistência, hoje, é encabeçada pelo PSB e pelo PPS. Além disso, há o argumento de que Lula é sustentado pelo PT e vive na casa de um compadre – o advogado e empresário Roberto Teixeira, acusado de favorecer a empresa de consultoria CPEM em licitações feitas por prefeituras petistas.

CIRO – Ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda, Ciro Gomes tem a seu favor uma adminis-

tração louvada país afora e a consolidação do Plano Real. Ciro assumiu o ministério nos últimos sete meses do governo Itamar, quando Fernando Henrique já era candidato. O estilo agressivo e corajoso também contam a favor. Ciro é do PSDB, mas não hesita em criticar o governo. Escreveu um livro com críticas ao neoliberalismo, em parceria com o amigo Mangabeira Unger, intelectual filiado ao PDT. Mas contra sua candidatura pesa a impressão generalizada de que seria um novo Collor – o aventureiro que abandona seu partido para abrigar-se em uma legenda pequena. Ciro é do PSDB e vem namorando o PSB e o PPS.

ITAMAR – O ex-presidente Itamar Franco tem a seu favor a paternidade do Plano Real, lançado em

seu governo, combinada a seu afastamento de Fernando Henrique. Como candidato, conseguiria neutralizar o discurso oficial de que é preciso reeleger o presidente para manter o Real. Com seu perfil de político de centro, Itamar também atrairia apoios que, sozinha, a esquerda jamais teria. A experiência, a empatia, a baixa rejeição e a honestidade reconhecida contam a seu favor. Mas contra o ex-presidente, pesa o fato de não ter um partido e a rejeição de personagens importantes da esquerda, como Brizola. A quem pergunta, o ex-governador do Rio deixa claro que, se o candidato for Itamar, o PDT está fora. Brizola não o perdoa pela privatização da Companhia Siderúrgica Nacional e acha que "tudo de ruim que o Real produziu começou com ele"

– inclusive a eleição de Fernando Henrique.

CRISTOVAM – Governador de Brasília, intelectual renomado, Cristovam Buarque é o candidato preferido de uma parcela da esquerda. Se depender do governador de Pernambuco, Miguel Arraes, o PSB só faz aliança com o PT se o cabeça de chapa for Cristovam. A seu favor, contam ainda a biografia e o estilo moderado, que ajudam a desfazer a sensação de que o PT é um partido radical. Cristovam tem um bom relacionamento com Fernando Henrique e faz um governo aplaudido no Distrito Federal. Contra ele, no entanto, há o fato de ser pouco conhecido em outros estados e de ter suas realizações sufocadas pela dimensão nacional dos atos do presidente e dos ministros.

SEPÚLVEDA – Militante da União Nacional dos Estudantes na juventude, o ministro do Supremo Tribunal Federal Sepúlveda Pertence tem a seu favor a imagem do homem público politicamente correto, respeitado em todos os setores da sociedade. Sepúlveda não tem experiência partidária, mas há um ano e meio vem tendo o nome lembrado no PT e no PSB para representar a oposição. Recentemente, até Brizola passou a analisar a hipótese com entusiasmo: De início, Pertence resistia. Mas, agora, não só aceita como incentiva as negociações; que resultariam – segundo sua preferência – em uma filiação ao PSB. Contra sua candidatura, além da falta de experiência política, há a evidência de que as articulações em torno de seu nome esmoreceram no PT e no PDT.